

# A ARTE COMO PRINCÍPIO DE TRANSFORMAÇÃO

**FERNANDO PESSOA**

[Professor de filosofia da Universidade Federal  
do Espírito Santo e organizador dos Seminários  
Internacionais Museu Vale]

*Se a própria existência cotidiana lhe parecer pobre,  
não a acuse. Acuse a si mesmo, diga consigo que  
não é bastante poeta para extrair as suas riquezas.  
Para o criador, com efeito, não há lugar mesquinho e  
indiferente.*

Rainer Maria Rilke

O propósito deste texto é pensar como a arte é um princípio que promove o que é mais próprio do homem, a sua transformação. Por ser princípio, não podemos compreender a arte como uma coisa entre as outras no mundo, nem interpretá-la por meio de determinações judicativas e conceituais; mas sim tecer um pensamento que, buscando a compreensão do que não é um ente, coisa nenhuma, promova uma experiência originária de criação. Por ser princípio, origem, criação, a arte só pode ser pensada originariamente.

Chamamos de origem o fenômeno pelo qual, e desde o qual, o que foi originado passou a ser o que ele é e como ele é; origem nomeia o que faz um ente que não era passar a ser, ela caracteriza a criação. Como criação, origem não pode ser compreendida como se fosse uma criatura. A origem é o princípio de tudo que é originado; todavia, apesar de ser o fenômeno pelo qual e desde o qual o que foi criado passou a ser, toda criatura é algo já originado, deixando de ser a própria origem. A criação é o que faz com que todo ente seja o que ele é, o que constitui o seu princípio, mas ela (a própria criação) como tal não se define em nenhum ente particular. A criação, como

modo de ser da origem, é sempre originária: a criação não é uma criatura, mas, antes, a sua origem.

A fim de esclarecer melhor essa distinção, podemos indicar a diferença entre origem como princípio e começo como início: o começo é um momento temporal quando algo tem início – por exemplo: o médico começa a operação lavando as mãos. Como momento temporal, o lavar as mãos é o início da operação, um acontecimento que passa, ficando sucessivamente para trás, até o fim da ação, sendo este o extremo oposto do começo, o seu término. Esta compreensão de começo traz consigo uma concepção linear do tempo, a saber: o tempo é compreendido como uma sucessão gradativa do antes (o começo) que, passando pelo agora (o durante), vai para o depois (o fim). Assim compreendido, o começo é um momento determinado “dentro do tempo”, um ente, o início de uma ação: algo que pode ser datado, localizado espaço-temporalmente. Como origem não é uma criatura, mas a sua criação, ao contrário do começo como um momento temporal determinado, devemos compreender a origem como uma “outra” possibilidade de temporalização do tempo, em que ele não se estrutura na forma de uma composição de partes – o antes, o agora e o depois –, mas como uma unidade na qual “o tempo é todo tempo o tempo todo”.

Ao contrário da criatura, que é sempre de algum modo definida, de-terminada, a criação, por ser origem, é originária, dando-se sempre toda e inteira em cada ente criado. Não há mais ou menos criação, como se ela fosse algo quantitativo; nem ela pode ser dividida em partes que se sucedem do antes para o depois. A criação é sempre una e toda, ela é o modo de se conjugar o uni-verso.<sup>1</sup> Sem

1. “Não imagine que, ao criar o céu e a terra e todas as coisas, Deus tenha feito uma hoje e outras amanhã. Moisés é que escreveu assim embora soubesse que não foi assim. Ele escreveu assim por amor de quem não pode nem compreender nem entender de outra maneira.” Mestre Eckhart. “O silêncio da criação”. Em *O livro da divina consolação e outros textos*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 185.

início nem fim, menos nem mais, antes nem depois, a origem é sempre toda em cada criatura – ela é sempre per-feita. Antes de ser algo sem defeito, devemos compreender esse perfeito como participio do verbo perfazer: a criação é o que perfaz a criatura, fazendo-a aparecer plenamente no que ela é, com o vigor e viço próprios do que se mostra originariamente. Diferente do reto caminho que começa no início e termina no fim, a origem se perfaz sempre toda, inteira.

Sendo origem sempre completa, o seu início se encontra unido ao seu fim, no retorno sempre perfeito de si mesma. Ao contrário da reta que começa no início e termina no fim, “Início e fim se reúnem na circunferência do círculo”.<sup>2</sup> Se o círculo é o que reúne o início com o fim, o seu percurso deve ser súbito e inteiro, pois cada ponto do círculo é, simultaneamente, o seu começo e término. Distinto da concepção de tempo sucessivo-linear, a duração como passagem do antes ao depois, para compreendermos origem é preciso pensar o tempo da criação como um círculo, onde ele esteja pleno, inteiro, em todas as suas partes: a origem não tem duração, “demora um oco”, pois a criação é um instante – tudo que é, as criaturas, se perfaz no instante da criação. A criação é o que se repete oculta, latente, em toda criatura, ela constitui a perfeição do que aparece plena e propriamente em seu sentido de ser.

Para pensar a característica imediata de origem, Heráclito escreveu no fragmento 64: “O raio conduz todas as coisas que são.” Como perfeição do sentido de ser, o raio caracteriza um instante luminoso, indica, portanto, instante e luz. O instante consiste na unidade de princípio e fim do que, de modo abrupto e imediato, se dá subitamente. A origem quando é já foi, é corisco que sempre já veio sem mediação (antes e depois), toda inteira em sua perfeição. Por isso, para pensarmos a arte como princípio, criação, precisamos

2. Heráclito, frag. 103.

compreender a origem originariamente, desde uma experiência própria de criação – para pensar o que é origem precisamos obter uma compreensão de sua experiência originária. Ao contrário da reta, cujo começo é distinto do fim, e por isso o seu percurso, o seu acesso, é gradativo e linear, o círculo indica a unidade de início e fim do raio que, súbito, abrupto, instantâneo, imediatamente, clareia conduzindo todas as coisas que são. Distinto do percurso gradativo e linear de se acessar o que é reto, só podemos entrar no círculo através de um salto no qual, quando nos damos conta, já estamos dentro – pois como entrar no que não tem portas nem janelas? “Aquilo como durou, demorava um oco. Para que conto isto ao senhor? Vou longe. Se o senhor já viu disso, sabe; se não sabe, como vai saber? São coisas que não cabem em fazer ideia.”

Além de indicar a imediaticidade do que é súbito, o raio, como instante luminoso, também guarda o sentido de claridade, luz. O raio é o instante que ilumina, esclarece; e o esclarecimento do raio é o sentido da perfeição imediata de origem, o que mostra o ente sendo plenamente o que ele é. A luminosidade do raio indica a compreensão originária da própria origem: o mistério da criação. “Se o senhor souber, sabe; não sabendo, não me entenderá.”

\*\*\*

A arte, como princípio de transformação, não é algo que possa ser encontrado entre as coisas. O que encontramos da arte são os entes que dela provêm, as obras e os artistas. A arte é o que funda e estabelece obras e artistas, ela é o princípio dessa relação. Como Heidegger indica em seu texto “A origem da obra de arte”, habitualmente, concebemos que a obra tem origem na e pela atividade do artista. Todavia, como o artista só é artista por sua obra, ela é simultaneamente a origem do artista.

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Não obstante, nenhum dos dois porta, por si só, o outro. Em cada caso, o artista e a obra *são* em si e na sua relação recíproca, mediante um terceiro, que é o primeiro, sendo por ele e a partir dele que o artista e a obra de arte adquirem o seu nome – mediante a arte.<sup>3</sup>

A arte não é nem o artista nem a obra. Embora seja o princípio no qual ambos se fundam, a arte, a origem, a criação, oculta-se no que ela faz aparecer, permanecendo sempre latente, e, portanto, na necessidade de ser descoberta, tanto no artista como na obra. Por sua característica original, a arte precisa ser compreendida como a vigência de uma dinâmica, um acontecimento ou experiência – e não como uma coisa, um ente, o artista ou a obra. Arte é criação, o fenômeno (acontecimento ou experiência) de descobrir e mostrar o que até então estava encoberto e oculto. Criar é fazer aparecer: descobrir o que está latente e mostrar – como o raio, a criação dá a ver, ela é um instante luminoso que articula obra e artista no sentido da arte. Cabe lembrar que instante não significa, de modo algum, um curto momento temporal que passa, o agora entre o antes e o depois, mas a unidade de princípio e fim do que é circular. Cada ponto do círculo perfaz o seu início e fim, sendo, portanto, todo, completo e uno, perfeito. A criação descobre a perfeição do que se mostra originariamente. “A essência da arte, na qual se baseiam, acima de tudo, a obra de arte e o artista, é o pôr-se em obra da verdade.”<sup>4</sup>

Ao afirmar que *a arte é o pôr-se em obra da verdade*, Heidegger não compreende mais a verdade como a adequação exata, a certeza,

3. Heidegger. “A origem da obra de arte”. Em *Caminhos de floresta*. Trad. Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, p. 8 [“Der Ursprung des Kunstwerkes”. Em *Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1972, s. 7].

4. *Ibidem*. “Origem da obra de arte”. Em *Caminhos de floresta*. *Op. cit.*, p. 76 [s. 59].

entre as palavras e as coisas, uma determinação judicativa, conceitual, correta da coisa, tal como a tradição filosófica moderna e todo o pensamento científico. Retomando a compreensão grega antiga, Heidegger pensa a verdade como desencobrimento (*Unverborgenheit*), um acontecimento no qual o encoberto se revela e aparece; verdade é manifestação de realidade, sua criação original, o que perfaz o fenômeno da arte.

Na obra, a verdade está em obra – portanto, não apenas algo verdadeiro. O quadro de Van Gogh que mostra os sapatos de camponês (...) não dá a conhecer apenas o que é este ente singular enquanto tal, antes deixa acontecer o desencobrimento enquanto tal, relativamente ao ente no seu todo. Todo ente se torna com ele mais ente. O ser que se encobre é, desta maneira, clareado. A luz assim configurada proporciona o seu aparecer na obra. O aparecer proporcionado na obra é o belo. A beleza é um modo como a verdade vigora.<sup>5</sup>

Na tese de Heidegger, *a arte é o pôr-se em obra da verdade*, tanto a arte como a verdade precisam ser compreendidas simultânea e reciprocamente como “sujeito” e “objeto direto” da frase, no sentido de que é tanto a arte que põe em obra a verdade, como é a verdade que põe em obra a arte. Esse *pôr em obra* consiste na promoção de um acontecimento, a experiência na qual se revela não apenas esse ou aquele ente singular, mas sim o desencobrimento como tal, relativamente ao ente no seu todo. Esse acontecimento ou experiência do desencobrimento artístico, a vigência da beleza, faz aparecer a perfeição da criação, a unidade de sua totalidade, na qual todo ente se torna

5. *Ibidem*. “Origem da obra de arte. Em *Caminhos de Floresta*. Op. cit., p. 56 [s. 44].

mais ente. A verdade vigora na beleza da arte, em seu pôr-se em obra original, mostrando o ente em sua perfeição.

Para esse pensamento, a beleza de uma obra não consiste no prazer estético de ela ser agradável aos sentidos, mas em promover a vigência da verdade como desencobrimento, uma experiência de ser, uma operação ontológica. Heidegger indica que esta experiência da arte, o pôr-se em obra da verdade, tanto naqueles que criam a obra quanto nos que a resguardam, promove um abalo que transforma as compreensões habituais que temos de nós mesmos, dos outros e do mundo, propiciando um deslocamento, ou remoção (*Verrückung*) da familiaridade de nossos hábitos. A arte é princípio de transformação do homem. A operação artística desentulha, retira os calos que impedem o homem de perceber a perfeição da realidade, restituindo-lhe a possibilidade original de seu acontecimento.